

Ilusões

APRILYNNE PIKE

Ilusões

Tradução de
Elsa T. S. Vieira

contraponto®

1.

Os corredores do Liceu de Del Norte ecoavam com o caos do primeiro dia de aulas quando Laurel abriu caminho entre uma multidão de estudantes do segundo ano e avistou os ombros largos de David. Passou os braços à volta da cintura dele e encostou o rosto à *T-shirt* macia.

– Olá – disse David, retribuindo o abraço. Laurel tinha acabado de fechar os olhos, preparada para saborear o momento, quando Chelsea os envolveu a ambos num aperto exuberante.

– Acreditam nisto? Finalmente estamos no último ano!

Laurel riu-se e Chelsea largou-os. Vinda dela, a pergunta não era exatamente retórica; houvera alturas em que Laurel duvidara que conseguissem sobreviver ao primeiro ano.

Quando David se virou para o seu cacifo, Chelsea tirou da mochila a lista de leituras de verão da professora Cain. Laurel conteve um sorriso; Chelsea passara o verão todo a preocupar-se por causa dos livros opcionais. Provavelmente mais do que o verão todo.

– Começo a pensar que *toda a gente* leu *Orgulho e Preconceito* – disse ela, virando o papel para Laurel. – Eu sabia que devia ter optado por *Persuasão*.

– *Eu não li Orgulho e Preconceito* – respondeu Laurel.

– Sim, pois, mas tu estavas demasiado ocupada a ler *Utilizações Práticas dos Fetos* ou coisa do género. – Chelsea inclinou-se para ela para poder sussurrar. – Ou *Sete Técnicas Altamente Eficazes para Fazer Poções* – acrescentou, com uma risada.

– *Como Conquistar Folhagens e Influenciar Álamos* – sugeriu David, erguendo as sobrancelhas. Endireitou-se abruptamente, com um sorriso, e disse em tom de voz ligeiramente mais elevado: – Olá, Ryan!

Ryan fechou a mão, tocou no punho dele e depois virou-se e acariciou os braços de Chelsea.

– Como está a finalista mais gira de Del Norte? – perguntou, fazendo Chelsea rir enquanto se punha em bicos de pés para o beijar.

Com um suspiro de satisfação, Laurel pegou na mão de David e encostou-se a ele. Só voltara da Academia em Avalon há uma semana e tinha sentido saudades dos amigos – ainda mais do que no ano anterior, apesar de o seu professor, Yeardley, a ter mantido demasiado ocupada para pensar muito nisso. Aprendera a fazer várias poções e começava a conseguir dominar mais algumas. Os elixires também estavam a sair-lhe com mais naturalidade; começava a ter um conhecimento das várias plantas e essências e de como estas deviam trabalhar juntas. Não era certamente suficiente para continuar sozinha, como a sua amiga Katya, que estava a investigar poções novas, mas Laurel orgulhava-se do seu progresso.

No entanto, era um alívio estar de novo em Crescent City, onde tudo era *normal* e não se sentia tão sozinha. Sorriu a David, que fechou o cacifo e a puxou para si. Parecia terrivelmente injusto que ela e David só tivessem uma disciplina juntos este ano e, apesar de ter passado a última semana com ele, Laurel deu por si a agarrar-se a estes últimos minutos antes de a campanha tocar.

Quase nem reparou no estranho formigueiro que a fez querer virar-se e olhar para trás.

Estaria a ser observada?

Mais curiosa do que assustada, Laurel olhou disfarçadamente por cima do ombro, fingindo que estava a abanar o longo cabelo loiro. Contudo, identificou imediatamente o seu observador e sustentou a respiração quando o seu olhar encontrou um par de olhos verde-claros.

Aqueles olhos não deviam ser verde-claros. Deviam ser de um verde-esmeralda-vivo, que em tempos condissera com o cabelo dele – cabelo que estava agora preto, curto e penteado de forma enganadoramente casual com a ajuda de gel. Em vez de uma túnica tecida à mão e calções, ele vestia calças de ganga e uma *T-shirt* preta que, por mais bem que lhe ficasse, devia ser terrivelmente sufocante.

E estava calçado. Laurel praticamente nunca vira Tamani com sapatos.

Porém, claros ou escuros, ela conhecia aqueles olhos – olhos que tinham um papel de destaque nos seus sonhos, que lhe eram tão familiares como os seus próprios olhos, ou os dos seus pais. Ou os de David.

Assim que os olhos de ambos se cruzaram, os meses desde que vira Tamani pela última vez encolheram, de uma eternidade para um instante. No inverno anterior, num momento de raiva, ela mandara-o embora, e ele obedecera. Laurel não sabia para onde ele fora, nem por quanto tempo, nem se alguma vez o voltaria a ver. Depois de praticamente um ano, quase se habituara à dor que lhe apertava o peito sempre que pensava nele. E agora ele estava aqui, quase suficientemente perto para conseguir tocar-lhe...

Laurel ergueu os olhos para David, mas ele não estava a olhar para ela. Também vira Tamani.

– Uau – disse Chelsea atrás do ombro de Laurel, despertando-a dos seus pensamentos. – Quem é aquele aluno novo tão giro? – O namorado dela, Ryan, soltou uma exclamação desdenhosa. – Bem, ele é mesmo giro; não sou cega – disse Chelsea com naturalidade.

Laurel continuava sem conseguir falar, enquanto o olhar de Tamani saltava dela para David e de novo para ela. Um milhão de pensamentos rodopiaram na sua cabeça. «Porque é que ele está aqui? Porque é que está vestido assim? Porque não me disse que vinha?» Mal sentiu David arrancar as suas mãos da *T-shirt* dele e entrelaçar os dedos quentes nos dela, que subitamente estavam frios como gelo.

– Um estudante de intercâmbio, aposto – disse Ryan. – Olha para o senhor Robinson, a exibi-los a todos.

– Talvez – disse Chelsea de forma evasiva.

O senhor Robinson disse qualquer coisa aos três estudantes que o seguiam pelo corredor e Tamani virou a cabeça, de tal forma que nem o seu perfil era visível. Como que libertada de um feitiço, Laurel baixou os olhos para o chão.

David apertou-lhe a mão e ela ergueu o rosto para ele.

– Aquele é quem eu penso que é?

Laurel acenou afirmativamente, incapaz de encontrar a sua voz; embora David e Tamani só se tivessem encontrado duas vezes, ambas as ocasiões tinham sido... *memoráveis*. Quando David olhou novamente para Tamani, Laurel fez o mesmo.

O outro rapaz do grupo parecia embaraçado, e a rapariga estava a explicar-lhe qualquer coisa numa língua que obviamente não era inglês. O senhor Robinson acenou com ar aprovador.

Ryan cruzou os braços sobre o peito e sorriu.

– Estás a ver? Eu bem te disse. Alunos de intercâmbio.

Tamani estava a mudar a mochila preta de um ombro para o outro, com ar entediado. Com ar *humano*. Isso, por si só, era quase tão chocante como o facto de ele estar aqui. E depois olhou de novo para ela, agora menos abertamente, o olhar velado pelas pestanas escuras.

Laurel esforçou-se por respirar normalmente. Não sabia o que pensar. Avalon não o mandaria para cá sem um motivo, e Laurel não conseguia imaginar Tamani a abandonar o seu posto.

– Estás bem? – perguntou Chelsea, aproximando-se de Laurel.

– Pareces assustada.

Antes de conseguir controlar-se, Laurel olhou na direção de Tamani, um gesto que Chelsea seguiu instantaneamente.

– É o *Tamani* – disse, esperando não soar tão aliviada (ou aterrada) como se sentia.

Devia ter conseguido, porque Chelsea limitou-se a olhar com ar incrédulo.

– O rapaz giro? – sussurrou.

Laurel acenou afirmativamente.

– A sério? – guinchou Chelsea, mas um gesto brusco de Laurel silenciou-a. Laurel olhou disfarçadamente para Tamani, para ver se tinha sido apanhada. O vestígio de um sorriso no canto da boca dele disse-lhe que sim.

Depois os estudantes de intercâmbio seguiram o senhor Robinson pelo corredor, afastando-se de Laurel. Mesmo antes de virar a esquina, Tamani olhou para Laurel e piscou-lhe o olho. Mais uma vez, Laurel sentiu-se extremamente grata por ser incapaz de corar.

Virou-se para David. Ele estava a olhar para ela, com os olhos repletos de perguntas.

Laurel suspirou e estendeu as mãos.

– Não tive nada a ver com isto.

*

– Mas é bom, certo? – perguntou David, depois de conseguirem livrar-se de Chelsea e Ryan, enquanto esperavam pela primeira aula de Laurel. Laurel não se lembrava da última vez que o toque de entrada na sala a deixara tão ansiosa. – Quer dizer, pensavas que nunca mais voltarias a vê-lo e agora ele está aqui.

– É bom vê-lo – disse Laurel baixinho, aproximando-se e abraçando David pela cintura –, mas também tenho medo do que significa. Para nós. Não para *nós* – corrigiu, combatendo o embaraço pouco familiar que parecia estar a crescer entre eles. – Mas tem de significar que corremos perigo, certo?

David acenou.

– Estou a tentar não pensar nisso. Ele acabará por nos dizer, não achas?

Laurel ergueu os olhos para ele com uma sobrancelha levantada e, passado um momento, ambos desataram a rir.

– Suponho que não podemos contar com isso, pois não? – David pegou-lhe na mão, levou-a aos lábios e depois examinou a pulseira de prata e cristal que lhe oferecera há quase dois anos, quando se tinham conhecido. – Estou contente por ainda usares isto.

– Todos os dias – disse Laurel.

Desejando que tivessem mais tempo para conversar, puxou David para um último beijo antes de entrar apressadamente na aula de Ciência Política e se sentar na última cadeira do lado das janelas. Eram janelas pequenas, mas ela tentava sempre aproveitar toda a luz solar natural que conseguisse.

A sua mente começou a vaguear enquanto a professora Harms distribuía os programas da disciplina e falava sobre a matéria; era fácil deixar de a ouvir, especialmente depois do súbito reaparecimento de Tamani. Porque estaria ele aqui? Se ela *estava* em perigo, o que poderia ser? Não vira um único *troll* desde que deixara Barnes no farol. Teria alguma coisa a ver com Klea, a misteriosa caçadora de *trolls* que o matara? Também ninguém a tinha visto, ultimamente; tanto quanto Laurel sabia, Klea seguira para outros terrenos de caça. Talvez se tratasse de uma crise completamente diferente?

De qualquer maneira, David tinha razão – Laurel estava contente por ver Tamani. Mais do que contente. A presença dele reconfortava-a, de alguma forma. E ele *piscara-lhe* o olho! Como se os últimos oito meses nunca tivessem acontecido. Como se ele nunca tivesse partido. Como se ela nunca se tivesse despedido dele. Os seus pensamentos recuaram até ao breve momento passado nos braços dele, a sensação suave dos seus lábios nos dela naquelas poucas ocasiões em que o autocontrolo lhe tinha escapado por entre os dedos. As memórias eram tão vívidas que Laurel deu por si a tocar levemente nos lábios.

A porta da sala de aula abriu-se subitamente, despertando Laurel dos seus pensamentos, e o senhor Robinson entrou, seguido por Tamani.

– Peço desculpa pela interrupção – disse o senhor Robinson. – Rapazes e raparigas? – Laurel odiava a forma como os adultos conseguiam combinar duas palavras perfeitamente normais numa frase tão condescendente. – Talvez tenham ouvido dizer que temos alguns estudantes de intercâmbio japoneses, este ano. O Tam – Laurel empalideceu ao ouvir o conselheiro usar o diminutivo carinhoso pelo qual ela tratava Tamani – não pertence tecnicamente ao programa de intercâmbio, mas acabou de se mudar para cá, vindo da Escócia. Espero que o tratem com a mesma cortesia que sempre mostraram aos nossos outros estudantes de intercâmbio. Tam? Porque não nos falas um pouco sobre ti?

O senhor Robinson fechou a mão sobre o ombro de Tamani. Os olhos dele desviaram-se rapidamente para o conselheiro escolar e Laurel só podia imaginar como ele teria preferido responder. No entanto, a expressão de irritação no seu rosto não durou mais do que um segundo e Laurel duvidava que mais alguém tivesse reparado. Ele sorriu de forma cativante e encolheu os ombros.

– Chamo-me Tam Collins.

Metades das raparigas da turma suspiraram baixinho ao ouvir o sotaque melodioso de Tamani.

– Sou da Escócia. Perto de Perth... mas não a Perth na Austrália... e... – Fez uma pausa, como se estivesse a tentar pensar em

mais alguma coisa sobre si próprio que os colegas pudessem achar interessante.

Laurel lembrava-se de algumas coisas.

– Vivo com o meu tio, desde pequeno. – Virou-se e sorriu à professora. – E não sei nada de Ciência Política – disse, em tom risonho. – Pelo menos deste país.

Toda a turma estava conquistada. Os rapazes estavam a acenar levemente com a cabeça, as raparigas estavam a rir baixinho, e até a professora Harms estava a sorrir. E ele nem sequer estava a usar o seu poder de encantamento. Laurel quase gemeu alto ao pensar nos sarilhos que *isso* podia causar.

– Bom, escolhe uma cadeira – disse a senhora Harms, entregando um manual a Tamani. – Acabámos de começar.

Havia três lugares vazios na sala e quase todos os alunos que os rodeavam se lançaram numa campanha silenciosa para captar a preferência de Tamani. Nadia, uma das raparigas mais bonitas da turma, foi a mais ousada. Cruzou e descruzou as pernas, sacudiu o cabelo castanho ondulado por cima do ombro e inclinou-se para dar uma palmadinha pouco subtil nas costas da cadeira à sua frente. Tamani sorriu, quase como se pedisse desculpa, e passou por ela para se sentar na cadeira ao lado de uma rapariga que mal levantara os olhos do livro desde que ele entrara na sala.

O lugar ao lado de Laurel.

Enquanto a professora Harms continuava a falar sobre o trabalho de leitura diário, Laurel recostou-se e olhou para Tamani. Não se deu ao trabalho de disfarçar; praticamente todas as outras raparigas na sala estavam a fazer exatamente o mesmo. Era enfurecedor ter de estar sentada em silêncio, a meio metro dele, enquanto um milhão de perguntas zumbia na sua cabeça. Algumas delas eram racionais. A maioria não era.

Laurel tinha a cabeça a andar à roda quando a campainha tocou. Era a sua oportunidade. Queria fazer tantas coisas: gritar com ele, esbofeteá-lo, agarrá-lo pelos ombros e sacudi-lo. Porém, mais do que qualquer outra coisa, queria abraçá-lo – apertá-lo contra o peito e confessar o quanto sentira a falta dele. Podia fazer isso a um amigo, não podia?

No entanto, não fora por isso que ficara furiosa com ele ao ponto de o mandar embora? Para Tamani, nunca era apenas um abraço amigável. Ele queria sempre mais. E, por mais lisonjeira que fosse a sua persistência – e a sua paixão –, a maneira como ele tratava David, como se fosse um inimigo a aniquilar, era menos cativante. Laurel ficara de coração partido por ter de mandar Tamani embora, e não tinha a certeza de conseguir passar por isso outra vez.

Levantou-se devagar e olhou para ele, com os lábios subitamente secos. Assim que ele pôs a mochila ao ombro, virou-se e os olhos de ambos encontraram-se. Laurel abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas ele sorriu e estendeu a mão.

– Olá! – disse, em tom quase demasiado entusiasmado. – Parece que vamos ser companheiros de carteira. Queria apresentar-me... sou o Tam.

As mãos unidas estavam a abanar para cima e para baixo, mas era apenas obra de Tamani; o braço de Laurel estava inerte, sem forças. Ficou em silêncio durante alguns segundos, até que o olhar eloquente de Tamani se intensificou e se tornou quase furioso.

– Oh! – exclamou Laurel, algo tardiamente. – Eu sou a Laurel. Laurel Sewell. Muito prazer. – *Muito prazer?* Desde quando é que ela dizia «Muito prazer»? E porque é que ele estava a sacudir a mão dela como um vendedor pomposo?

Tamani tirou um horário escolar do bolso de trás.

– A seguir tenho Inglês, com a professora Cain. Importas-te de me mostrar onde fica a sala?

A sensação que a invadira ao saber que não partilhavam a aula do segundo tempo seria alívio, ou desapontamento?

– Claro – disse, em tom animado. – É ao fundo do corredor. – Laurel arrumou lentamente as suas coisas, empatando enquanto a sala se esvaziava. Depois inclinou-se mais para Tamani. – O que estás a fazer aqui?

– Estás contente por me ver?

Laurel acenou e não tentou esconder o sorriso.

Ele sorriu também, com uma expressão de alívio que lhe iluminou o rosto. Laurel sentiu-se melhor por ver que ele também estava com algum receio.

– Porque?...

Tamani abanou ligeiramente a cabeça e apontou para o corredor. Quando estavam quase à porta, Tamani pegou-lhe no cotovelo e deteve-a.

– Podes encontrar-te comigo no bosque atrás da tua casa depois das aulas? – perguntou, baixinho. – Eu explico-te tudo. – Fez uma pausa e, com uma rapidez pouco natural, levantou a mão para lhe acariciar a face. Laurel mal tinha tido tempo de registar a sensação quando as mãos de Tamani regressaram aos bolsos e ele saiu para o corredor.

– Tama... Tam? – chamou, correndo para o apanhar. – Eu mostro-te onde é a sala.

Ele sorriu e depois soltou uma risada.

– Vá lá – disse, tão baixinho que ela mal o ouviu. – Achas mesmo que venho assim tão mal preparado? Conheço esta escola melhor do que tu. – E, com uma piscadela de olho, afastou-se.

– OhmeuDeus! – guinchou Chelsea, atacando Laurel por trás e praticamente arrancando os seus dedos da mão de David. Colocou a cara mesmo em frente à de Laurel. – O rapaz elfo tem aula de Inglês comigo! Despacha-te, antes que o Ryan apareça... tens de me contar tudo!

– Chiu! – disse Laurel, olhando em volta, mas ninguém estava a ouvir.

– Ele é mesmo giro – disse Chelsea. – As raparigas não tiravam os olhos dele. Oh, e o rapaz japonês tem aula de Cálculo comigo, apesar de ter apenas quinze anos. Quando é que achas que as escolas americanas vão receber a informação de que existe uma economia global? – inquiriu. Depois fez uma pausa e abriu muito os olhos. – Bolas, espero que ele não venha subir as médias.

David revirou os olhos, mas estava a sorrir.

– É o que toda a gente está a pensar em relação a *ti* – disse.

– Ouve – disse Laurel, puxando Chelsea para si –, ainda não sei nada; ainda tenho de falar com ele, está bem?

– Mas se soubesses alguma coisa dizias-me, certo? – perguntou Chelsea.

– Não é o que faço sempre? – provocou-a Laurel, com um sorriso.

– Esta noite?

– Veremos – disse Laurel, virando-a pelos ombros e empurrando-a na direção de Ryan. – Vai! – Chelsea olhou para trás por cima do ombro e deitou-lhe a língua de fora antes de se enfiar debaixo do braço do namorado.

Laurel abanou a cabeça e olhou para David.

– Uma aula juntos não é suficiente – disse, em tom afetadamente severo. – De quem foi esta ideia, afinal?

– Minha não foi, podes ter a certeza – respondeu David. Entraram e sentaram-se juntos ao fundo da sala.

Depois de tudo o que acontecera nesse dia, Laurel não devia ter ficado surpreendida ao ver Tamani entrar na aula de Linguística que ela e David tinham juntos. Quando Tamani entrou, David ficou tenso, mas relaxou quando o ex-guardião de Laurel escolheu um lugar à frente da sala, a várias filas deles.

Ia ser um longo semestre.